



Transição agroecológica e circuitos curtos de comercialização: caminhos para o desenvolvimento territorial sustentável

Short commercialization circuits and agroecological transition: paths to sustainable territorial development

MATIOSKI, Bruna¹; PADILHA, Celina²; DENARDIN, Valdir³

¹UFPR, brunamatiostudos@gmail.com; ²UFPR, celina.bp0609@gmail.com; ³UFPR, valdirfd@yahoo.com.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: Com os problemas causados pela agricultura de grande escala se faz necessário mais estudos que apoiem a agricultura familiar, contudo, o presente trabalho tem como objetivo evidenciar o diálogo entre transição agroecologia e circuitos curtos de comercialização em apoio à agricultura familiar. A metodologia utilizada foi revisão bibliográfica utilizando palavras chaves como “transição agroecológica” e “circuitos curtos de comercialização”, a partir disso foi escolhido autores chaves para discorrer sobre o assunto. Com base neste trabalho foi possível concluir que os circuitos curtos de comercialização impulsionam a transição agroecológica, promovendo a valorização cultural e territorial da produção local, contribuindo para manter a biodiversidade e o desenvolvimento territorial sustentável.

Palavras-chave: agricultura familiar; sustentabilidade; agroecologia.

Introdução

Os problemas causados atualmente pela agricultura de grande escala como uso de agrotóxicos, poluição hídrica, contaminação dos solos, desmatamento, o impacto ambiental das cadeias longas, perde de referência com a alimentação/produção local regional, faz-se necessário buscar novas alternativas para a melhoria da qualidade de vida. Algumas das alternativas são a transição agroecológica e os circuitos curtos de comercialização, que buscam tornar o agricultor e o consumidor mais presentes e conscientes no que estão consumindo e ofertando. A comodidade proporcionada por um sistema alimentar globalizado, em que os mais diversos produtos estão facilmente disponíveis nas prateleiras independente da estação do ano ou regiões do mundo em que são produzidos, evidencia um sistema modernizado e complexo de logística e produção em massa, que em um primeiro momento pode parecer benéfico à sociedade, contudo afeta toda uma cadeia de comercialização local dos alimentos produzidos, a qual é desvalorizada em prol das grandes redes de distribuição (ROVER e DAROLT, 2021, p. 19). Segundo Schneider (2021, p. 10), “O sistema alimentar que criamos é falho e não atende aos requisitos da segurança alimentar e da sustentabilidade”. Para suprir a demanda por alimentos de uma população crescente, a biodiversidade é impactada dando lugar a monoculturas. O uso abusivo de agrotóxicos a fim de



aumentar a produção evidencia, que a saúde dos consumidores é deixada à deriva.

Surge assim, a necessidade de implantar estilos de agricultura e modelos de escoamento de produção mais sustentáveis. O processo de ecologização da agricultura, segundo Picolotto (2015), corresponde a introdução de novas práticas, mais respeitadas com o ambiente, em sintonia com o desenvolvimento sustentável. Nesta perspectiva, a Transição Agroecológica (TA) e os Circuitos Curtos de Comercialização (CCC) apresentam potencial para um modelo alimentar agroecológico em que tanto o produtor quanto o consumidor são amplamente beneficiados. Dito isto, o objetivo do trabalho é evidenciar o diálogo entre transição agroecologia e circuitos curtos de comercialização em apoio à agricultura familiar.

Metodologia

A pesquisa na temática transição agroecológica e circuitos curtos de comercialização, se iniciou com a realização de um levantamento bibliográfico que para Gil (1999) consiste em um primeiro momento definir um problema de pesquisa e com base nele realizar um levantamento bibliográfico, buscando pesquisas e referências em livros, artigos, teses, dissertações. Com base no autor, foi definido o objetivo, e as palavras chave como transição agroecológica e circuitos curtos que foram buscadas nos periódicos acadêmicos gratuitos (Google Acadêmico, Portal CAPES, SciELO etc.). A partir dessas leituras foram selecionados textos para definir cada termo e assim correlacionar os temas.

Resultados e Discussão

1.1 Transição agroecológica

Com os diversos problemas acarretados pela agricultura praticada em grande escala, a agroecologia se apresenta como um modelo de produção sustentável e articula conhecimentos da agronomia, da ecologia, entre outros. A transição agroecológica contribui para se desvencilhar do sistema de agricultura de grande escala para ingressar em sistemas sustentáveis de produção. A transição agroecológica é uma estratégia para buscar uma agricultura mais sustentável, com novas práticas e alternativas socioprodutivas em coesão com os ecossistemas naturais (SANTOS et al., 2014). Para Gliessman (2009) há três etapas a serem implementadas no processo de transição agroecológica, a primeira é a redução do uso de fertilizantes externos (insumos externos), a segunda é substituir os insumos externos, por bioinsumos, ou seja, orgânicos ou buscar práticas alternativas e a terceira seria repensar o sistema produtivo buscando aumentar a biodiversidade. A conversão agroecológica parte da transformação de como o agricultor pensa e pratica a agricultura, em toda sua complexidade. Transforma as perspectivas, cabendo ao agricultor observar e compreender o uso de insumos externos, os fluxos energéticos da propriedade, possivelmente recuperando a fertilidade do solo, valorizando a produção local, reduzindo a dependência econômica e possibilitando adquirir o certificado orgânico (GLIESSMAN, 2000). De acordo com Valent (2017) a transição agroecológica vai além das mudanças práticas, altera o modo de viver, e se caracteriza como um processo complexo. O autor apresenta como relatos



positivos a melhoria da saúde e aumentos na geração de renda, com a possibilidade de mostrar seu lar para os que buscam saber sobre a agricultura orgânica. A transição agroecológica, segundo Santos et al., (2014), se dá com a mudança de um sistema agrícola degradante e insustentável, para um sistema agrícola e agro alimentar mais sustentável. É necessário entender o contexto de sustentabilidade como um projeto que se mantém a curto, médio e longo prazo, preservando a biodiversidade para as atuais e futuras gerações.

Caporal (2001) pontua uma característica importante da transição agroecológica, seu processo de duração, menciona que para uma transição permanente é necessário que passe de geração em geração, assim que os métodos e redesenhos da propriedade forem estabelecidos, podendo ser adequados às épocas, se diferindo da agricultura orgânica por não ter um tempo pré determinado. Segundo Caporal (2020), a transição agroecológica não deveria ser confundida com a simples conversão para sistemas orgânicos, apenas substituindo os insumos, não deve se resumir a nichos de mercado ou a processos de certificação, somente isto não a define. De acordo com Costabeber e Moyano (2000), a TA tem vantagens econômicas que promove a resistência de pequenos agricultores aliados a sua família, contribui para dimensão social, auxiliando contra a exclusão social e a perda da qualidade de vida, promove qualidade de vida mediante a produção de alimentos saudáveis e a melhoria das condições de trabalho e de saúde, colaborando também com as questões ambientais. A TA, segundo os autores, tem o objetivo de recuperar e manter a capacidade produtiva dos agroecossistemas, através da adoção de métodos, técnicas e processos de produção ecologicamente mais adequados para com o lugar que habita, levando consideração a fauna e flora e biodiversidade ao seu redor.

1.2 Circuitos curtos de comercialização

Como já descrito pelo nome, Circuitos Curtos de Comercialização dizem respeito à curta distância entre o produto e o prato do consumidor (ROVER e DAROLT, 2021). Para os autores, os produtores que utilizam dos Circuitos Curtos para escoar sua produção, em sua maioria, pertencem a categoria Agricultura Familiar. Segundo Marsden (2000), para que a venda atenda os critérios de Circuitos Curtos, devem conter informações que especificam como o produto foi produzido, quem o produziu e a localidade na qual foi produzido, os quais podem estar dispostos tanto na embalagem, como sendo comunicados presencialmente no momento da venda do produto. Para Rover e Darolt (2021), essas características permitem que essa modalidade de comércio ganhe um sentido mais amplo, proporcionando a construção de laços de proximidade e confiança entre quem produziu e quem consumiu o alimento, permitindo, também, o resgate cultural e de tradições. Além disso, a curta distância pode permitir que o consumidor conheça a propriedade na qual a produção é cultivada (ROVER e DAROLT, 2021), gerando um ambiente de troca de saberes proporcionada por esse encontro.

A venda em Circuitos Curtos de Comercialização pode ocorrer em duas modalidades, sendo, direta ou indireta. Na venda direta o produtor negocia com o



consumidor, podendo ocorrer em sua propriedade, feiras livres, para grupos consumidores, cestas agroecológicas, a domicílio, centros de comercialização, beira de estrada, eventos e através de Organização de Controle Social (OCS) para programas governamentais como o Programa Nacional de alimentação Escolar PNAE e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), entre outros (ROVER e DAROLT, 2021). Na modalidade de venda indireta, o produto passa por intermediários, ocorrendo quando a produção supre a demanda das proximidades e ainda gera um excedente, que é comercializada em outros territórios por até dois intermediários, os quais geralmente são associações ou cooperativas. Os autores ainda enfatizam que a distância a qual se percorre para a venda direta, embora ainda seja uma discussão, segundo sua pesquisa pode chegar a até 200 km no sul do Brasil.

1.3 Transição Agroecológica e Circuitos Curtos de Comercialização

A valorização sócio-territorial propiciada pelos Circuitos Curtos de Comercialização trazem resgates culturais, apreciação sobre as tradições locais, e conferem visibilidade e a devida importância ao agricultor e ao meio rural. Model (2014, p. 5) enfatiza que “coexistem na contemporaneidade diferentes rurais e adotar uma visão homogênea sobre essa diversidade pode levar a uma realidade generalizada inexistente”, dessa maneira se faz necessário conhecer e compreender os diversos modos de existências rurais, suas características e peculiaridades territoriais, culturais e socioambientais, que corroboram sua organização.

De acordo com Guzmán (2001), para desenvolver uma agricultura mais sustentável é preciso uma interação entre o produtor e o comprador, levando em consideração todo o sistema agroalimentar. Para tanto, a transição agroecológica busca propor práticas socioprodutivas em harmonia com os ecossistemas naturais, utilizando os próprios recursos oferecidos pelas funcionalidades naturais dos ecossistemas e acessos aos mercados locais (GRIFFON, 2006), os quais, por se tratarem de vendas locais, abarcam as características da modalidade de comércio dos Circuitos Curtos propostas por ROVER e DAROLT (2021). Em consonância com essa modalidade de comercialização, Neto et al., (2020, p. 639) constata em pesquisa que “a maior parte dos agricultores em transição agroecológica estão adotando a estratégia da venda de produção, que exploram Circuitos Curtos de Comercialização”. Segundo Rodrigues et al., (2002) a TA promove a segurança e a soberania alimentar, o aumento e a melhoria das feiras, inclui na merenda escolar alimentos produzidos no município, proporciona a produção para o autoconsumo e biodiversidade alimentar. Muitas comunidades estão se desenvolvendo a partir de atividades econômicas de natureza diversa, como a agricultura, o comércio, o turismo rural, atividades de preservação ambiental, o lazer, o artesanato e a prestação de serviços, possibilitando que a renda dessas famílias cresça e promova a independência e bem estar humano.

Conclusões

Conclui-se que os Circuitos Curtos de Comercialização podem impulsionar a



Transição Agroecológica, sendo uma estratégia que quando adotada proporciona um espaço de comercialização para os produtos agroecológicos, o qual aporta renda e autonomia ao agricultor, propiciando, também, através da redução ou anulação de atravessadores a aproximação entre produtor e consumidor. Sua junção também promove a valorização cultural e territorial da produção local, contribuindo para manter a biodiversidade e o desenvolvimento territorial sustentável.

Agradecimentos

Agradecemos ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) pela bolsa e a Universidade Federal do Paraná, pelo estudo gratuito e de qualidade.

Referências bibliográficas

CAPORAL, F; R. Desenvolvimento rural sustentável: uma perspectiva agroecológica. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.2, n.2. 2001.

CAPORAL, F; R. Transição Agroecológica e o papel da Extensão Rural. **Extensão Rural**. Santa Maria, v. 27, n. 3, pág. 7-19, 2020.

COSTABEBER, José Antônio; MOYANO, Eduardo. Transição agroecológica e ação social coletiva. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 1, n. 4, p. 50-60, 2000.

Gil, A; C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GLIESSMAN, S; R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 4.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 658 p. il.

GLIESSMAN, S; R. **Agroecologia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

GRIFFON, M. Nourrir la planète. Paris : Odile Jacob, 2006.

GUZMÁN, E; S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.2, n.1, jan./mar.2001.

MARSDEN, T.; BANKS, J., & BRISTOW, G.; **Food supply chain approaches: exploring their role in rural development**. Sociologia ruralis, v. 40, n. 4, p. 424-438. (2000)

MODEL, P. A.; DENARDIN, V. F. **Agricultura familiar e a formação de Circuitos Curtos de Comercialização através das feiras livres: caso da Matifeira – PR**. Engema, 2014.

NETO, M M.; RAMOS, R. F. **Agricultores em transição agroecológica: um estudo sobre as estratégias de comercialização**. Revista Interface Tecnológica, v. 17, n. 2, p. 630-642, 2020.

PICOLOTTO, Luciano et al., **Enraizamento de estacas de amoreira-preta em função da adubação nitrogenada na planta matriz**. Revista Ceres, v. 62, p. 294-300, 2015.

RODRIGUES, R. S. **A Transição Agroecológica Em Assentamentos Rurais Do Recôncavo Baiano: Entre A Reterritorialização E A Recampesinização**, 2008.

ROVER, J. R.; DAROLT, R. M. (ed). **Circuitos Curtos de Comercialização, agroecologia e inovação social**, Florianópolis, SC: Estúdio Semprelo, 2021.



SANTOS, C. F. DOS; SIQUEIRA, E. S.; ARAÚJO, I. T. DE; MAIA, Z. M. G. **A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar.** *Ambiente & Sociedade*, v. 17, n. 2, p. 33–52, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/asoc/a/Q8YfrW7m6mLWBWBcmcbKkrQ/?lang=pt>>. Acesso em: 15/11/2021.

SCHNEIDER, S. (ed). **Circuitos Curtos de Comercialização, agroecologia e inovação social**, Florianópolis, SC: Estúdio Semprelo, 2021.

VALENT, J; C. As percepções de agricultores familiares sobre transição agroecológica em uma cooperativa agropecuária no Rio Grande do Sul. **Revista Verde**, v. 12, n.2, p.304-310, abr.-jun., 2017.